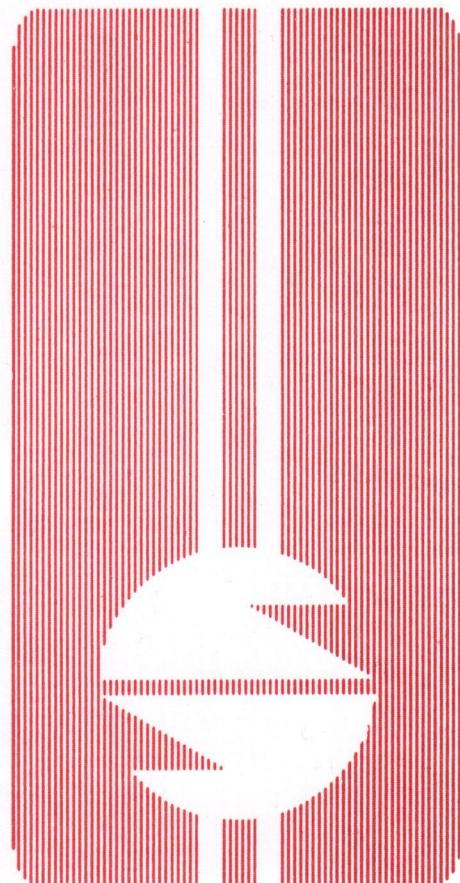


análise econômica

- EQUILÍBRIOS, PROGRESSO TÉCNICO E DESIGUALDADES REGIONAIS
Carlos Roberto Azzoni
- DESENVOLVIMENTO POLARIZADO E DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS
Nali de Jesus de Souza
- OS NOVOS CLÁSSICOS E O MÉTODO
Carlos Magno Lopes
- ECONOMIAS DE MERCADO E DEMANDA EFETIVA
Gilberto Tadeu Lima
- MEASURES OF CAPACITY UTILIZATION
Marcelo S. Portugal
- ASPECTOS DO CONTROLE EM UM MODELO DINÂMICO
Marat Rafikow
Pedro Augusto P. Borges
- A FIRMA EM UM AMBIENTE INFLACIONÁRIO
Carmen A. do V.C. Feijó
- CUSTOS E BENEFÍCIOS DA INTEGRAÇÃO REGIONAL
Marco Antônio Montoya
- A REESTRUTURAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL
Hoyêdo Nunes Lins
- O MERCADO COMO PROCESSO: A ABORDAGEM AUSTRIÁCA
Fernando Caputo Zanella
- GARY BECKER: PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA DE 1992
Giacomo Babinotto Neto
- LIVROS RECEBIDOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Hélgio Henrique Casses Trindade
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Pedro Cézar Dutra Fonseca
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Roberto Pires Pacheco
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS ECONÓMICAS

Chefe: Prof. Fernando Ferrari Filho
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. João Rogério Sanson
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

Coordenador: Prof. Juvir Luiz Mattuella

CONSELHO EDITORIAL: Achyles Barcelos da Costa, Aray Miguel Feldens, Atos Freitas Grawunder, Carlos Augusto Crusius, Ernani Hickmann, Fernando Ferrari Filho, João Rogério Sanson, Juvir Luiz Mattuella, Marcelo Savino Portugal, Maria Imilda da Costa e Silva, Nali de Jesus de Souza, Nuno Renan Lopes de Figueiredo Pinto, Otília Beatriz Kroeff Carrion, Otto Guilherme Konzen, Paulo Alexandre Sphor, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams, Roberto Camps Moraes, Valter José Stülp, Yeda Rorato Crusius, David Garlow (Wharton Econometrics Forecasts Association, E.U.A.), Edgar Augusto Lanzer (UFSC), Eleutério F. S. Prado (USP), Fernando Holanda Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/RJ), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Juan H. Moldau (USP), Werner Baer (Univ. de Illinois, E.U.A.).

COMISSÃO EDITORIAL: Atos Freitas Grawunder, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams e Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Prof. Nali de Jesus de Souza

SECRETARIA: Maria Ivone de Mello (normalização), Vanete Ricacheski (revisão de textos).

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte.

Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas ou recensões.

Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutes devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. ROBERTO CAMPS MORAES
Revista Análise Econômica

Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 - PORTO ALEGRE (RS), BRASIL

Telefones: (051) 228-1633, ramal 3440

Fax: (051) 225-1067

TAXONOMIA DAS ECONOMIAS DE MERCADO E DETERMINAÇÃO MONETÁRIA DA DEMANDA EFETIVA*

Gilberto Tadeu Lima **

The composition of this book has been for the author a long struggle of escape, and so must the reading of it be for most readers if the author's assaults upon them is to be successful, - a struggle of escape from habitual modes of thought and expression. The ideas which are here expressed so laboriously are extremely simple and should be obvious. The difficulty lies, not in the new ideas, but in escaping from the old ones, which ramify, for those brought up as most of us have been, into every corner of our minds.

J. M. Keynes - Prefácio à Teoria Geral (Parágrafo final)

SINOPSE

Este trabalho analisa o conceito de economia monetária desenvolvido por Keynes, utilizando-se de manuscritos e textos menos conhecidos. Argumenta-se que a não-inclusão na *Teoria Geral* da taxonomia das economias de mercado facilitou a neoclasseificação de sua teoria do emprego. Se tivesse havido tal inclusão, o princípio da demanda efetiva teria tido sua dimensão monetária tornada mais nítida. O texto analisa os nexos lógicos entre moeda, tempo histórico, expectativa e incerteza, bem como apresenta a taxonomia das economias de mercado concebida por Keynes e examina a dinâmica das flutuações da demanda efetiva em economias monetárias.

1. INTRODUÇÃO

As origens da *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* (1936), doravante TG, residem, como é sabido: a) na insatisfação de Keynes com o *Treatise on Money* (1931), doravante TM, mesmo quando de sua publicação; b) nos

* Versão reformulada de artigo apresentado na XIX Reunião Anual da ANPEC, Curitiba, dez. 1991. A elaboração da presente versão contou com os pertinentes comentários de Antônio Carlos A. do Santos e Carmem Feijó, nenhum deles sendo responsável, obviamente, pelos equívocos ou imprecisões eventualmente remanescentes.

Doutorando em Economia pela Universidade de Notre Dame (EUA.). Nota do Editor: Gilberto Tadeu Lima foi contemplado com o primeiro lugar no 16º Prêmio BNDES de Economia, de 1992, com a dissertação de mestrado intitulada *Em Busca do Tempo Perdido: e Recuperação Pós-Keynesiana da Economia do Emprego de Keynes*, sendo orientador o Prof. Luiz Antônio de Oliveira de Lima, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

| | | | |
|-------------------|---|----------|---------|
| Cód. AEA 030 | Palavras-Chave: Expectativas, flutuações e moeda | | |
| ANÁLISE ECONÔMICA | ANO 11 | Março/93 | P.71-88 |

comentários oriundos dos debates sobre o TM entre os membros do *circus*¹ de Cambridge; e c) na prolongada depressão mundial do início dos anos 30. Keynes, já no prefácio à edição japonesa da TM (1932), explicitou seu propósito de publicar um novo livro de caráter puramente teórico reformulando o *framework* subjacente ao TM (CW V, p.xxvii). Já no outono desse mesmo ano, ele deu um passo concreto na direção desse projeto ao alterar o título de suas *Lectures* em Cambridge de *The Pure Theory of Money*, utilizado desde 1929, para *The Monetary Theory of Production*, o qual seria mantido até 1934. No prefácio à edição original da TG, ele, após admitir que ainda seguia o padrão tradicional de considerar a influência da moeda como algo separado da toria geral da oferta e da demanda de quando começou a escrever a TM, declarou que a TG, ponto de chegada daquele projeto de elaboração de uma teoria monetária da produção, "has evolved into what is primarily a study of the forces which determine changes in the scale of output and employment as a whole, and, whilst it is found that money enters into the economic scheme in an essential and peculiar manner, technical monetary detail falls into the background" (CW VII, p. xxii). Para tanto, a noção de economia monetária, tão cara aos pós-keynesianos, é introduzida por ele para caracterizar uma economia em que "changing views about the future are capable of influencing the quantity of employment and not merely its direction" (idem).

O presente artigo pretende analisar o conceito de economia monetária desenvolvido por Keynes, para cuja tarefa lançamos mão de vários manuscritos, rascunhos e esboços da TG escritos entre 1932 e 1935, mas que foram publicados apenas em 1979 (CW XXIX). À semelhança do ocorrido com as contribuições embrionárias sobre a noção de incerteza contidas em seu *A Treatise on Probability* (1921), argumentamos que a não-inclusão, na versão final da TG, da frutífera taxonomia das economias de mercado, desenvolvida por ele no início dos anos 30, facilitou o trabalho de neoclasseificação de sua economia do emprego pelo chamado *mainstream*.² Em especial, argumentamos que o princípio da demanda efetiva, pedra angular de sua economia do emprego, teria tido sua dimensão monetária tornada mais nítida caso o capítulo 3 da TG tivesse incorporado a taxonomia em questão. O artigo está organizado como segue. A seção 2 apresenta brevemente os nexos lógicos existentes entre os quatro conceitos fundamentais para a teoria

- 1 O lendário *circus* de Cambridge constitui-se por um grupo de jovens economistas (entre 25 e 35 anos) que logo após a publicação da TM formou um seminário para discuti-la. Seus principais membros eram James Meade, Joan Robinson, Austin Robinson, Piero Stratta e Richard Kahn, com este servindo de canal de comunicação entre o grupo e Maynard Keynes, já que este nunca participava das reuniões. Para maiores detalhes, vide CW XIII, p. 337-43, Kahn (1984, p. 105-11) e Kahn (1985).
- 2 Carabelli (1988), Fitzgibbons (1988) e D'Onnel (1989), Mini (1991) e Bateman e Davis (1991), entre outros, representam, especificidades à parte, o deslocamento recente em direção aos escritos filosóficos de Keynes como forma de ampliar o foco de compreensão de seus trabalhos econômicos. Carvalho (1987) e Carvalho (1988), por sua vez, demonstram a existência de uma continuidade fundamental nas visões de Keynes sobre probabilidade e incerteza.

monetária da produção de Keynes, quais sejam, moeda, tempo histórico, expectativa e incerteza. Enquanto a seção 3 apresenta a profíua taxonomia das economias de mercado concebida por Keynes, a seguinte ocupa-se de uma análise da dinâmica das flutuações da demanda efetiva em economias monetárias.

2. MOEDA, TEMPO HISTÓRICO, EXPECTATIVAS E INCERTEZA

Em um mundo - nosso mundo - onde a incerteza que ronda o devir é algo inescapável,³ a moeda assume um papel essencial no processo capitalista de tomada de decisão, funcionando como a defesa mais segura contra as consequências negativas associadas à irreversibilidade do tempo histórico. Ao enfatizar a importância do tempo, portanto, a abordagem de Keynes enquadra-se na tradição marshalliana de destacar a centralidade dessa variável na lógica dos processos econômicos. Como o processo de produção é algo que leva tempo, as decisões a ele relativas devem ser tomadas no presente com base em expectativas acerca do comportamento futuro de um conjunto de variáveis relevantes. Ao aumentarem sua retenção de ativos monetários - sendo a moeda um ativo líquido *par excellence* - quando a incerteza em relação ao curso futuro dos eventos intensifica-se, os agentes produtivos reduzirão a quantidade de recursos participantes do circuito renda-gasto e, consequentemente, reduzirão o volume de emprego. Assim, a moeda, ao permitir que os agentes econômicos conservem seu poder de compra no tempo sob uma forma líquida incapaz de mobilizar produção ou trabalho, engendra as condições necessárias e suficientes para que a demanda agregada mostre-se insuficiente para sustentar um estado de pleno emprego (Carvalho, 1987a, p.48). Dado que a incerteza é uma característica essencial do ambiente econômico em que os agentes econômicos têm de viver e tomar decisões, a moeda desempenha um papel fundamental no resguardo dos mesmos contra a irreversibilidade do tempo histórico. Em função da incerteza, a moeda adquire uma taxa implícita de retorno - um prêmio de liquidez -, o que justifica, por sua vez, sua demanda enquanto ativo, mesmo, como observou Keynes no apocalíptico artigo de 1937, que o agente econômico se encontre fora - talvez exatamente por encontrar-se dentro de um hospício para loucos.⁴ Sendo um ativo cujo retorno,

3 Com o intuito de demonstrar que seu conceito de incerteza era distinto do conceito tradicional de risco probabilístico, Keynes observou: "By 'uncertain' knowledge, let me explain, I do not mean merely to distinguish what is known for certain from what is only probable. The game of roulette is not subject, in this sense, to uncertainty; nor is the prospect of a Victory bond being drawn. Or, again, the expectation of life is only slightly uncertain. Even the weather is only moderately uncertain. The sense in which I am using the term is that in which the prospect of a European war is uncertain, or the price of copper and the rate of interest twenty years hence, or the obsolescence of a new invention, or the position of private wealth owners in the social system in 1970. About these matters there is scientific basis on which to form any calculable probability whatever. We simply do not know" (CW XIV, p. 113-4, destaque nosso).

4 Nas palavras do próprio Keynes, a demanda de moeda como reserva de valor é uma atitude racional num mundo em que as expectativas em relação ao futuro são necessariamente incertas: "Because, partly on reasonable and partly on instinctive grounds, our desire to hold money as a store of wealth is a barometer of the degree of our distrust of our own calculations and conventions concerning the future.

em termos monetários, é conhecido, a moeda, ao permitir o postergação de decisões concernentes aos demais ativos menos líquidos, constitui-se no veículo mais adequado, por quanto mais seguro, para que a liquidez, entendida como a habilidade de liquidar obrigações contratuais quando estas vencem, viaje unidirecionalmente ao longo do tempo histórico (Kregel, 1974, p.4). Num mundo onde as decisões de produção são especulativas por natureza, os intrincados nexos lógicos entre moeda, expectativa e incerteza é facilmente perceptível:

For the importance of money essentially flows from its being a link between the present and the future. We can consider what distribution of resources between different uses will be consistent with equilibrium in which our views concerning the future are fixed and reliable in all aspects; - With a further division, perhaps between an economy which is unchanging and one subject to change, but where all things are foreseen from the beginning. Or we can pass from this simplified propaedeutic to the problems of the real world in which our previous expectations are liable to disappointment and expectations concerning the future affect what we do today. It is when we have made this transition that the peculiar properties of money as a link between the present and the future must enter into our calculations(....) Money in its significant attributes is, above all, a subtle device for linking the present to the future; and we cannot even begin to discuss the effect of changing expectations on current activities except in monetary terms (CW VII, p.294-5, 1º destaque original; 2º destaque nosso).

Portanto, em uma economia monetária - onde a produção não é trocada diretamente por produção, mas sim por moeda - é fundamental que as escolhas encarnadas pela moeda sejam devidamente consideradas. Em economias dessa natureza, a moeda, ao afetar motivos e decisões, desempenha uma função por si mesma, constituindo-se num dos fatores operantes do sistema⁵. Ao contrário de uma economia tipicamente real - onde a neutralidade da moeda impede que a mesma influencie as decisões concernentes, por exemplo, ao volume de produção e, consequentemente, ao nível de emprego -, uma economia monetária tem na moeda algo mais que um mero véu que recobre as transações reais. Referindo-se à ortodoxia de seu tempo, Keynes observou que a moeda, apesar de ser por ela abordada, era tratada como sendo em algum sentido neutra (CW XIII, p.408). Em vez de colocarem a questão em termos de se a introdução da moeda afetaria ou não a dinâmica do setor real, Keynes e os pós-keynesianos, ao contrário, concebem essa dinâmica como tendo na moeda uma parte integral. Seguindo de perto a

Even though this feeling about money is itself conventional or instinctive, it operates, so to speak, at a deeper level of our motivation. It takes charge at the moments when the higher, more precarious conventions have weakened. The possession of actual money lulls our disquietude; and the premium which we require to make us part with money is the degree of our disquietude" (CW XIV, P.116).

5 No *Festschrift für Arthur Spiethoff* (1933), Keynes observou que "the main reason why the problem of crises is unsolved, or at any rate why this theory is so unsatisfactory, is to be found in the lack of what might be termed a monetary of production (...) The theory which I desire would deal (...) with an economy in which money plays a part of its own and affects motives and decision and is, in short, one of the operative factors in the situation, so that the course of events cannot be predicted, either in the long period or in the short, without a knowledge of the behaviour of money between the first state and the last. And it is this which we ought to mean when we speak of a monetary economy (CW XIII, p. 408-9, destaque no original).

análise de Keynes, os pós-keynesianos rejeitaram por completo a chamada *teoria do véu monetário* (ou *teoria da neutralidade da moeda*), concepção que foi exemplarmente apresentada por Pigou (1949, p.24) nos seguintes termos:

Monetary facts (...) differ from "real" facts and happenings in that unlike these they have no direct significance for economic welfare. Take the real facts and happenings away, and the monetary facts and happenings necessarily vanish with; but take money away and, whatever else might follow, economic life would not become meaningless: there is nothing absurd about the conception of a self-sufficing family, or village group, without any money at all. In this sense money clearly is a veil. It does not comprise any of the essentials of economic life (destaques originais).

Em uma versão moderna, a *teoria do véu monetário* continua a ser parte integrante da teoria econômica neoclássica. Ao contrário de Keynes, para quem a moeda desempenha um papel decorrente de si mesma no processo decisório dos agentes econômicos, o chamado *axioma dos reais* insiste em vê-la como algo incapaz de impactar as variáveis reais do sistema econômico. De maneira exemplar, Hahn (1982) assim apresenta a essência do referido axioma:

The objectives of agents that determine their actions and plans do not depend on any nominal magnitudes. Agents care only about "real" things, such as goods (properly dated and distinguished by states of nature, leisure and effort. We know this as the axiom of the absence of money illusion, which it seems impossible to abandon in any sensible analysis (p.34).

Contudo, se considerarmos que uma análise realmente adequada dos fenômenos reais pressupõe a devida incorporação da moeda, o abandono do axioma dos reais é inescapável. Por sugerir a neutralidade da moeda, a teoria monetária tradicional mostra-se incapaz de apreender o movimento das variáveis sistêmicas relevantes. Num não-raro momento de lucidez, Hahn (1982, p.1) chegou mesmo a reconhecer que o próprio modelo Arrow-Debreu é um *constructo lógico* onde a moeda passa de um mero numerário:

The most serious challenge that the existence of money poses to the theorist is this: the best developed model of the economy cannot find room for it. The best developed model is, of course, the Arrow-Debreu version of a Walrasian general equilibrium. A world in which all conceivable contingent future contracts are possible neither needs nor wants intrinsically worthless money (p.1).

Assim, a ênfase de Keynes na importância *real* das variáveis monetárias os distancia, assim como Marx, por exemplo, da chamada tradição real de análise monetária (Schumpeter, 1954). Analisando as várias variantes da teoria monetária que concebem a moeda como nada mais que um mero artifício facilitador das trocas, Schumpeter assim caracterizou a tradição real:

Real Analysis proceeds from the principle that all essential phenomena of economic life are capable of being described in terms of goods and service, of decisions about them, and of relations between them. Money enters the picture only in the modest role of a technical device has been adopted in order to facilitate transactions (...) So long as it functions normally, it does not affect the economic process, which behaves in the same way as it would in a barter economy: this is essentially what the concept of Neutral Money implies (1954, p.277)

Ao postularem a não-neutralidade da moeda como um dos elementos essenciais das modernas economias capitalistas, os adeptos da *teoria quantitativa*

da moeda advogam, por outro lado, a existência de uma estreita interdependência entre as dinâmicas dos setores real e monetário, convertendo os mesmos não em dimensões dicotômicas, mas, ao contrário, duais da máquina econômica. Descrevendo a chamada tradição monetária de análise monetária, Schumpeter registrou:

Monetary Analysis introduces the element of money on the very ground floor of our analytic structure and abandons the idea that all essential features of our economic life can be represented by a barter-economy model (1954, p.277).

3. TAXONOMIA DAS ECONOMIAS DE MERCADO

Para formular sua teoria monetária da produção, onde, como vimos anteriormente, as escolhas encarnadas pela moeda desempenham um papel fundamental, Keynes formulou uma inovadora e frutífera taxonomia das economias de mercado. Em uma série de versões preliminares escritas entre 1932 e 1935, quando ele estava *en route* para a TG, é possível perceber que Keynes claramente concebia a moderna economia capitalista como um sistema econômico bastante distinto daquele em que a lei de *Say* poderia ser assumida como válida.⁶ Ironicamente descobertos somente em 1975-76, num cesto de lavanderia na casa de campo de Keynes em Tilton, Inglaterra, esse conjunto de escritos (CW XXIX), em que são apresentadas as características dos vários tipos de economia de mercado, nos permite captar com precisão a real natureza da ruptura de Keynes com a ortodoxia clássica.⁷ É interessante, porquanto elucidativo, observar que em dois dos primeiros índices provisórios da TG, datados do final de 32, Keynes a chama de "A Teoria Monetária da Produção" (idem, p.49-50). Após ter nomeado, numa versão preliminar da TG datada de Dezembro de 33 (CW XIII, p.421-2), seus capítulos 2 e 3 de " A distinção entre uma economia cooperativa e uma economia empresarial" e "As características de uma economia empresarial", respectivamente, Keynes, numa versão seguinte, datada de meados de 34 (idem, p.423-4), substitui os referidos títulos por aqueles que seriam mantidos na versão final, quais sejam, respectivamente, "Os postulados da economia clássica" e "O princípio da demanda efetiva". Em uma carta endereçada a Richard Kahn em abril de 1934 (ibidem, p.422-3), Keynes alegou ter feito grandes mudanças nos capítulos iniciais de seu livro como consequência de ter formulado, pensava ele, uma definição precisa do significado do conceito de demanda efetiva. Não obstante

6 Dando suporte a esta colocação, Rymes (1989) realiza uma atenta transcrição das anotações de vários alunos (Lorie Tarshis, Robert Bryce, Alec Cairncross, *inter alia*) que assistiram às (ou parte das) *Lectures* de Keynes em Cambridge durante este período em que ele estava elaborando a TG. Em especial, merece consulta a Parte II, onde Rymes, empregando o expediente das "notas representativas", realiza uma excelente síntese das anotações anteriormente transcritas.

7 Durante o inverno de 1975-76, quando alguns membros da família Keynes colocavam em ordem a casa de campo de Maynard e Lydia localizada em Sussex, foi descoberta numa cesta de lavanderia uma quantidade considerável de correspondências datadas do período 1937-38 e de manuscritos anteriores à TG. Estes últimos, publicados no volume XXIX de *The Collected Writings of John Maynard Keynes*, constituem a fonte básica do presente artigo. Para maiores detalhes sobre o intrigante histórico dessa descoberta, vide CW XXIX, p.xiii.

o capítulo 3 da TG, onde é apresentado o princípio da demanda efetiva, continha alguns vestígios da distinção entre uma economia empresarial e uma economia cooperativa (Torr, 1980, p. 429), Keynes certamente teria evitado, como bem observou Rotheim (1981, p.571), várias das críticas à sua teoria do emprego, caso tivesse incluído suas considerações iniciais sobre a metodologia de uma economia empresarial na versão final de sua principal obra.

Segundo Keynes, qualquer processo produtivo de natureza mercantil é composto de dois grandes grupos de agentes, quais sejam, os empresários e os trabalhadores. Detentores de equipamentos de capital e de uma dotação de recursos monetários, os empresários, enquanto gestores da máquina produtiva, têm suas decisões, entre elas aqueles referentes ao volume de mão-de-obra a ser demandado, governadas pelas expectativas de rentabilidade futura do curso de ação escolhido. Por sua vez, os trabalhadores, ausentes das decisões sobre o volume de emprego a ser gerado, limitam sua participação ao papel de meros ofertantes de mão-de-obra. Sendo assim, "entrepreneurs rather than consumers dominate decision-making in a monetary economy. This marks another sharp departure by Keynes from the classical system of theory" (Dillard, 1988, p.54). Em uma economia dessa natureza, o nível de emprego é determinado, segundo Keynes, pelas decisões de produção dos empreendedores (Torr, 1980, p.429; Tuchscherer, 1979, p.101; Carvalho, 1989, p.183). Nas palavras do próprio Keynes:

We conceive the economic organisation of society as consisting, on the one hand, of a number or firms or entrepreneurs possessing a capital equipment and a command over sources in the shape of money, and, on the other hand, a number of workers seeking to be employed (...) A firm will give employment if it expects the sale proceeds at the end of the accounting period to exceed the variable costs which it will have incurred during the period, both items in the calculation being sums of money (CW XXIX, p. 63-4).

Dadas estas características, uma possível configuração das economias mercantis é aquela batizada por Keynes de economia de troca, economia de salário real ou economia cooperativa, cuja definição é assim apresentada por ele:

I define a barter economy as one in which the factors of production are rewarded by dividing up in agreed proportions the actual output of their co-operative efforts. It is not necessary that they should receive their share of the output in specie; - the position is the same if they share the sale-proceeds of the output in agreed proportions. Since this economy does not exclude the use of money for purposes of transitory convenience, it might perhaps be better to call it a real-wage economy, or a co-operative economy (...) In a barter (or co-operative) economy only miscalculation or stupid obstinacy can stand in the way of production, if the value of the expected real product exceeds the real costs (idem, p.66-7, destaque original).

Segundo Keynes, é próprio de uma economia cooperativa a inexistência de obstáculos ao aumento da produção sempre que o valor do produto real esperado excedesse os seus custos reais. Em uma economia dessa natureza, a lei de Say, segundo a qual a oferta cria sua própria demanda, seria sempre válida, uma vez que os empresários nunca se defrontariam com uma eventual possibilidade de não-realização do valor produção que excedesse os custos reais incorridos em sua

geração (Morishima, 1989, p.150-1). Como os fatores de produção são recompensados pela divisão, em proporções acordadas, do produto efetivo de seus esforços cooperativos, a igualdade entre o valor dos gastos e o valor da renda estaria sempre assegurada. Em outras palavras, "a barter or co-operative non-monetary economy resembles a collective economy in which a predetermined share of aggregate output is distributed directly to the factors of production" (Dillard, 1988, p.54). Segundo Keynes, as características de uma economia cooperativa dessa natureza efetivamente validariam os pressupostos da economia clássica. Em suas palavras:

The Classical Economics presupposes that the factors of production desire and receive as the reward of their efforts nothing but a predetermined share of the aggregate output of all kinds which they can produce, both the demand and the supply of each factor depending upon the expected amount of their rewards in terms of output in general (...) The essential point is that by whatever roundabout methods every factor of production ultimately accepts as its reward a predetermined share of the expected current output either in kind or in terms of something which has an exchange value to that of the predetermined share (ibidem, p.76-7).

Contudo, Keynes observou que a igualdade entre o valor dos gastos e o valor da renda também estaria assegurada, em princípio, numa economia onde os agentes, em vez de serem remunerados em termos de produto, como na economia cooperativa, fossem remunerados em moeda, como seria o caso da chamada economia empresarial neutra. Em uma economia como essa, também chamada por Keynes de economia neutra, a moeda se constitui num mero véu, uma vez que os agentes a aceitariam como uma mera conveniência temporária, tendo em vista gastá-la totalmente na compra de uma parte do produto. Com o intuito de estabelecer as semelhanças e diferenças entre as economias cooperativa e neutra, Keynes registra:

It is easy to conceive of a community in which the factors of production are rewarded by dividing up in agreed proportions the actual output of their co-operative efforts. This is the simplest case of a society in which the presuppositions of the classical theory are fulfilled. But they would also be fulfilled in a society of the type in which we actually live, where the starting up of productive processes largely depends on a class of entrepreneurs who hire the factors of production for money and look to their recoupment from selling the output for money, provided that the whole of the current incomes of the factors are necessarily spent, directly or indirectly on purchasing their own current output from the entrepreneurs (ibidem, p. 77, destaque nosso).

Assim, uma economia neutra, a despeito de semelhante à economia na qual vivemos, distingue-se desta na medida em que é dotada de um mecanismo qualquer que assegura a igualdade, no agregado, entre o valor de troca das rendas monetárias dos fatores de produção do produto e a proporção do produto corrente que caberia aos mesmos fatores numa economia cooperativa. Caso alguns fatores de produção optassem por empregar parte de seus rendimentos na aquisição, por exemplo, de formas pré-existentes de riqueza, ainda assim o pleno emprego poderia ser alcançado. Para tanto, bastaria que os responsáveis pela venda dessas formas pré-existentes de riqueza empregassem a renda monetária assim auferida na

aquisição de uma parte do produto corrente, concebendo a moeda como uma mera conveniência temporária (Sardoni, 1986, p.429). Com isso, uma economia empresarial neutra nada mais é que uma economia em que a simples presença de moeda não a impede de operar como uma economia de troca. Como observou Torr (1980, p. 431):

Since a neutral entrepreneur economy could be in equilibrium any level of employment, some signalling device is required in order for full employment to be maintained. Such device is the marginal disutility of labour, for it is the means by which households can bring their plans into line with those of the firms. This is the co-operative element denied by Keynes when he rejected what was later to be termed the second classical postulate.

Apesar de contar com a presença da moeda, uma economia neutra não teria seu processo de produção afetado, em sua natureza essencial, por ela. Em uma economia neutra, prevaleceria, como reconheceu Keynes, uma organização econômica do tipo M-D-M' descrito por Marx, ou seja, a mera troca de mercadoria (ou esforço) por dinheiro com o propósito de obter outra mercadoria (ou esforço) (Kenway, 1980, p.27 ; Lima, 1986, p.118-24 ; Lunghini, 1985, p.52-3). A semelhança de uma economia cooperativa, o desemprego seria apenas setorial e temporário, emergindo somente quando ocorresse um excesso de demanda de mão-de-obra num outro setor qualquer. Por definição, o desemprego geral e permanente se constituiria num absurdo lógico, porquanto tudo que fosse ganho seria, direta ou indiretamente, gasto (Rotheim, 1981, p.576-7).

Contudo, o projeto teórico de Keynes estava voltado para a análise de situações caracterizadas por um estado geral de desemprego involuntário. Para tanto, tornava-se necessário desvendar a natureza essencial dos processos de produção efetivamente encontrados no mundo real, os quais, como vimos anteriormente, não se assemelham aos descritos pelas economias cooperativa e neutra. É nesse contexto que Keynes apresenta as características do tipo de economia na qual efetivamente vivemos, qual seja, uma economia monetária, onde a moeda deixa de ser um mero véu recobrindo as operações reais do sistema econômico. Também chamada por ele de economia empresarial ou economia de salário nominal, uma economia monetária é dotada de características capazes de engendrar flutuações na demanda efetiva e, consequentemente, no volume de emprego. Nela, o nível de emprego é determinado pelas decisões de produção das firmas e a desutilidade marginal do trabalho não desempenha papel algum (Torr 1980, p. 431). Definido em termos do excesso esperado das receitas de vendas sobre os custos variáveis, o nível de demanda efetiva é o principal condicionante do processo produtivo numa economia empresarial. Nela, observou Keynes, "a process of production will not be started up, unless the money proceeds expected from the sale of the output are at least equal to the money costs which could be avoided by not starting up the process" (CW XXIX, p. 78). Em uma economia empresarial, a contratação dos fatores de produção também é feita, como numa economia neutra, em termos monetários, mas, ao contrário desta, sem a

interveniência de um mecanismo qualquer capaz de assegurar a igualdade, no agregado, entre o valor de troca das rendas monetárias dos fatores e a proporção do produto corrente que caberia aos mesmos fatores numa economia cooperativa.

Segundo Keynes, a teoria clássica estava baseada em duas hipóteses fundamentais, quais sejam, (1) de que o valor da unidade marginal de produto é igual ao custo variável para produzi-la, e (2) de que a utilidade marginal do produto é igual à desutilidade marginal do esforço. Apesar de utilizar a primeira hipótese como ponto de partida para sua teoria monetária do emprego, Keynes restringe a validade da segunda às economias cooperativa e neutra. Na sua avaliação, a teoria clássica, com sua segunda hipótese, acaba por explicar o desemprego crônico simplesmente negando sua existência. Em suas palavras:

That the second assumption is not always fulfilled in fact will be obvious to the reader when he reflects that it is virtually equivalent to the condition for full employment. A state of unemployment can, I think, only be defined as a situation in which the marginal utility of output is greater than the marginal disutility of effort, i.e. a failure of organisation which prevents a man from producing something, the equivalent of which he would value more highly than the effort it had cost him (idem, p. 101-2, destaque original).

Novamente recorrendo às formulações de Marx, Keynes observou que o modelo $M - D - M'$, a despeito de válido do ponto de vista do consumidor privado, não descreve o verdadeiro comportamento do setor empresarial, o qual segue uma lógica do tipo $D - M - D'$, ou seja, troca dinheiro por mercadoria (ou esforço) com o intuito de obter mais dinheiro. Em suas próprias palavras:

The distinction between a co-operative economy and an entrepreneur economy bears some relation to a pregnant observation made by Karl Marx (...) He pointed out that the nature of production in the actual world is not, as economists seem often to suppose, a case of $C - M - C'$, i.e. of exchanging commodity (or effort) for money in order to obtain another commodity (or effort). That may be the standpoint of the private consumer. But it is not the attitude of business, which is a case of $M - C - M'$, i.e. of parting with money for commodity in order to obtain more money (ibidem, p. 81, destaque nosso).

Portanto, Keynes reconheceu que a distinção marxiana entre os dois processos de troca era bastante reveladora, muito embora tenha observado que Marx posteriormente incorreu num equívoco lógico (Rymes, 1989, p.93-5). Enquanto Marx acreditava que a tendência de longo prazo é que M' seja maior que M , Keynes, por sua vez, acreditava que essa diferença é um fenômeno monetário em vez de um fenômeno de longo prazo, o que o levou a concluir que Marx equivocou-se ao dizer que M' é necessariamente superior a M . Na sua avaliação:

The excess of M' over M is the source of Marx's *surplus value*. It is a curiosity in the history of economic theory that the heretics of the past hundred years who have, in one shape or another, opposed the formula $M - C - M'$ to the classical formula $C - M - C'$, have tended to believe either that M' must always and necessarily exceed M or that M must always and necessarily exceed M' , according as they were living in a period which the one or the other predominated in actual experience. Marx (...) assert(s) the inevitable excess of M' ; whilst Hobson, or Foster and Catchings, or Major Douglas (...) assert the inevitable excess of M (...) My own argument, if it is accepted, should at least serve to effect a reconciliation between the followers of Marx and those of Major Douglas, leaving the classical economists still high and dry in the belief that M and M' are always equal! (ibidem, p. 81-2).

Segundo Keynes, a distinção entre uma economia cooperativa e uma economia empresarial é fundamental pela seguinte razão. Enquanto a teoria clássica supõe, equivocadamente, a seu juízo, que os empresários decidirão contratar um volume maior de mão-de-obra condicionados pelas perspectivas de apropriação de um montante maior de produtos, o correto seria afirmar que o farão tendo em vista a obtenção de um montante de dinheiro superior ao que possuíam inicialmente. Segundo Keynes, a característica essencial de uma economia de mercado é "the dependence upon an intense appeal to the money-making and money-losing instincts of individuals as the main motive force of the economic machine" (CW IX, p.292). Como observou Winslow (1986), a análise de Keynes da motivação capitalista é bastante semelhante ao que ele próprio chamou de "the Freudian theory of the love of money". Na avaliação de Keynes, um empresário qualquer "will increase his output if by so doing he expects to increase his money profit, even though this profit represents a smaller quantity of product than before" (CW XXIX, p. 82). Segundo ele, a verdadeira natureza do comportamento empresarial numa economia de mercado tem uma implicação importante para a validade dos postulados clássicos:

In a real-wage and co-operative economy there is no obstacle in the way of the employment of an additional unit of labour if this unit will add to the social product output expected to have an exchange value equal to 10 bushels of wheat, which is sufficient to balance the disutility of the additional employment. Thus the second postulate of the classical theory is satisfied. But in a money wage or entrepreneur economy the criterion is different. Production will only take place if the expenditure of £100 in hiring factors of production will yield an output which is expected to sell for at least £ 100. In these conditions the second postulate will not be satisfied, except in the limiting case of a neutral economy (idem, p.78).

4. FLUTUAÇÕES DA DEMANDA EFETIVA EM ECONOMIAS MONETÁRIAS

Ao contrário daquilo que ocorre nas economias cooperativa e neutra, onde não existe a possibilidade de que uma parte do produto seja não-lucrativa, é próprio de uma economia monetária que o volume de emprego, cuja desutilidade marginal é igual à utilidade de seu produto marginal, possa ser não-lucrativo em termos monetários, bastando para tanto que ocorram flutuações na demanda efetiva (ibidem, p. 79-80). Em economias cooperativas ou neutras, onde vale a lei de Say, a demanda efetiva, por ser determinada de tal maneira que a renda recebida pelos fatores é sempre igual, no agregado, ao valor das receitas de vendas, não se constitui numa variável importante para a determinação do volume de emprego. Somente em economias empresariais, onde as flutuações no volume de emprego derivam de mudanças na relação entre gastos agregados esperados e custos variáveis, é que o valor das receitas de vendas pode ser diferente da renda recebida pelos fatores de produção. Nas palavras de Keynes:

The explanation of how output which would be produced in a co-operative may be "unprofitable"

in an entrepreneur economy, is to be found in what we may call, for short, the fluctuations of effective demand (...). In an co-operative or in a neutral economy, in which sales proceedes exceed variable cost by a determinate amount, effective demand cannot fluctuate, and it can be neglected in considering the factors which determine the volume of employment. But in an entrepreneur economy the fluctuations of effective demand may be the dominating factor in determining the volume of employment (ibidem, p. 80, destaque original).

Em uma economia empresarial, a renda recebida pelos fatores de produção superará o valor das receitas de vendas caso parte dessa renda não retorne ao mercado sob a forma de gastos. Segundo Keynes, a origem básica de um eventual vazamento no circuito renda-gasto reside no fato de que a renda pode ser gasta na aquisição de um bem cuja produção não mobiliza mão-de-obra. Com isso, ele procura demonstrar que a flutuação da demanda efetiva, enquanto característica típica de uma economia empresarial, pode ser corretamente descrita como um fenômeno essencialmente monetário. Não fora a existência de um ativo como a moeda, cujas propriedades essenciais (elasticidade de produção e elasticidade de substituição zero ou negligenciáveis) a distinguem dos demais ativos, as flutuações de demanda efetiva e, consequentemente, do nível de emprego, não teriam as implicações descritas acima (TG CW VII, cap. 17; Davidson, 1972, p.140-54). Apresentando uma *rationale* monetária para a dissolução da lei de Say, Keynes registrou:

It is of the essence of an entrepreneur economy that the thing (or things) in terms of which the factors of production are rewarded can be spent on something which is not current output, to the production of which current output cannot be diverted (except on a limited scale), and the exchange value of which is not fixed in terms of an article of current output to which production can be diverted without limit (ibidem, p.85).

De acordo com Keynes, o argumento acima não pressupõe, por um lado, que todos os fatores de produção são remunerados pelo mesmo objeto, ou, por outro lado, que o referido meio de remuneração não deve fazer parte do produto corrente. Segundo ele:

In fact under a gold standard gold can be produced, and in a slump there will be some diversion of employment towards gold mining. If, indeed, it were easily practicable to divert output towards gold on a sufficient scale for value of the increased current output of gold to make good the deficiency in expenditure in other forms of current output, unemployment could not occur; except in the transitional period before the turn-over to increased gold-production could be completed (ibidem, p. 85-6).

Assim, os fatores de produção que operam numa economia empresarial devem ser remunerados em algo durável e difícil de produzir. Ademais, o valor de troca do referido meio de remuneração não pode ser fixado em termos de algo para cuja produção os recursos podem ser desviados ilimitadamente. Em uma economia empresarial, os agentes econômicos escolherão como moeda o objeto que melhor embuta essas propriedades. Como bem observou Rotheim (1981,p.81), "if these properties are particular to an entrepreneur economy, then it follows that it is only in an entrepreneur economy that money can serve the function as a store of wealth".

Dada a complexidade, portanto, de uma economia empresarial, seu

funcionamento minimamente adequado pressupõe a adoção de contratos monetários fixos (em especial contratos de salário) capazes de organizar os processos de produção. Como nessas economias os fatores de produção remunerados, dividindo-se em proporções acordadas o resultado de seus esforços cooperativos, a instituição de contratos monetários é o sistema mais civilizado já concebido pela humanidade para viabilizar seus complexos processos produtivos. Segundo Davidson (1986-87, p.224, n.7):

Small closed, homogeneous communities such as Kibbutz or a monastery may be able to hammer out a social order based on a sharing concept (...) For large economic systems with production and consumption processes involving interdependences and feedback among a large number of heterogeneous and different interest (i.e., differing utility functions) subsectors, the institution of money contracts appears to be best civilized system yet devised by humans over century to encourage the undertaking and carrying out to completion of those complex economic processes.

Assim, pode-se concluir que uma economia empresarial não pode prescindir do uso de moeda como meio de pagamento. Por outro lado, na medida em que a moeda possui propriedades essenciais que lhe permitem funcionar como reserva de valor, uma economia empresarial é dotada de uma tendência inerente para flutuações na demanda efetiva. Segundo Rotheim (1981, p.584), o cerne da teoria monetária do valor de Keynes não poderia ser enunciada de maneira mais simples: numa economia empresarial, a demanda efetiva é passível de flutuações, pois a moeda é dotada de propriedades essenciais que a tornam uma reserva de valor apropriada. Contudo, o próprio Keynes observou que não é preciso que essa moeda seja necessariamente o dinheiro, tal como o conhecemos, podendo ser porções de terra ou selos em desuso, por exemplo, bastando apenas que seja algo reprodutível através da mobilização de trabalho. Em suas palavras:

Money is par excellence the means of remuneration in an entrepreneur economy which lends itself to fluctuations in effective demand. But if employers were to remunerate their workers in terms of plots of land or obsolete postage stamps, the same difficulties could arise. Perhaps anything in terms of which the factors of production contract to be remunerated, which is not and cannot be a part of current output and is capable of being used otherwise than to purchase current output, is, in a sense, money. If so, but not otherwise, the use of money is a necessary condition for fluctuations in effective demand (CW XXIX, p. 86, 1º destaque original ; 2º destaque nosso).

Portanto, o princípio da demanda efetiva, de acordo com o qual a igualdade entre o valor do produto e a renda recebida pelos fatores de produção é válida somente para um certo nível de emprego e não para qualquer um, permitiu a Keynes (e aos pós-keynesianos) dar uma justificativa lógica, na qual a moeda assume uma importância fundamental para a tendência ao equilíbrio, aquém do pleno emprego por parte de uma economia empresarial. Nela, "money **must** be present and money **must** matter. In Keynes's view classical economy theory was concerned with a co-operative economy which is synonymous with a barter economy. Here money **may** be present, but money **may** not matter" (Torr, 1980, p.433, destaque original). Contudo o próprio Keynes asseverou que sua definição de moeda, a despeito de apropriada, não nos permite assinalar, em princípio, qual tende a ser o

sentido das flutuações da demanda efetiva. Para tanto, Keynes sugere que devemos considerar um outro aspecto do sistema monetário moderno, qual seja, o fato de a moeda, através da qual os fatores são remunerados, prestar-se mais apropriadamente à conservação que o produto para cuja produção eles são remunerados. Com isso, é possível inferir que os empresários, caso não desejem incorrer em perdas, serão forçados a vender seus produtos com uma urgência superior àquela que leva os recebedores de renda a gastar. Nas palavras de Keynes:

This is the case because it is a characteristic of finished goods, which are neither consumed nor used but carried in stock, that they incur substantial carrying charges for storage, risk and deterioration, so that they are yielding a negative return for so long as they are held; whereas such expenses are reduced to a minimum approaching zero in the case of money. If it were not for this consideration, the effective demand at a given moment would be governed by more permanent considerations concerning the direction of popular expenditure averaged over a considerable period of time, and would be less subject to rapid fluctuations such as characterise boom and depression (CW XXIX, p.86-7).

Em uma economia empresarial, em que os fatores de produção são remunerados em termos monetários para produzir um volume de produto que gerará, na expectativa dos empresários, uma receita de vendas superior aos custos variáveis, é plausível supor, segundo Keynes, que "if aggregate expenditure varies in a different manner from aggregate costs, then the diminished incentive to employment in one direction will not be exactly balanced by an increased incentive to employment in another direction" (idem, p.90-1). Em outras palavras, um eventual aumento do gasto agregado relativamente aos custos agregados incentivará a classe empresarial a ampliar o volume de contratação de mão-de-obra, e vice-versa. Conseqüentemente, o volume agregado de emprego numa economia empresarial pode variar por razões outras que não uma mera quantidade de produto e a desutilidade marginal de uma certa quantidade de produto e a desutilidade marginal do emprego requerido para produzi-la.

Somente se fosse possível dotar uma economia empresarial de algum mecanismo capaz de garantir: *a*) que o gasto agregado e os custos agregados fossem iguais e, caso variassem, o fizessem no mesmo sentido e proporção; e, *b*) que os fatores que mantêm o nível de emprego abaixo do pleno emprego fossem neutralizados, seria possível concebê-la funcionando como uma economia cooperativa ou como uma economia neutra. Na avaliação de Keynes, como a primeira condição garante apenas o estabelecimento de um equilíbrio neutro, vale dizer, o equilíbrio a qualquer nível de emprego, "a touch may be required to insure that the actual level will be one of full employment as it would be in a co-operative economy, i. e. a state in which the marginal utility of the quantity of output produced is equal to the marginal disutility of the effort required to produce it" (ibidem, p.91). Caso uma economia empresarial fosse dotada de um mecanismo dessa natureza, as hipóteses da economia clássica seriam perfeitamente cumpridas. As firmas como um todo não teriam um lucro (ou prejuízo) acima (ou abaixo) daquilo que pagaram aos fatores de produção, uma vez que os eventuais prejuízos

sofridos por algumas firmas seriam exatamente iguais aos lucros obtidos por outras firmas. De acordo com Keynes:

There could be no general boom or general slump. Nor could there be any obstacle to an optimum level of output except as a result of miscalculation, or insufficient time to make the proper arrangements, or a stupid obstinacy about terms on the part either of the firms or of the factors of production. In fact unemployment could only be due to one of those aberrations of a temporary or otherwise non-fundamental character such as the classical theory has always envisaged as a possibility (ibidem, p. 97).

Na ausência de um mecanismo capaz de promover a sincronização mencionada acima, as receitas das firmas como um todo podem superar ou ficar abaixo de seus custos de produção. Na medida em que antevejam essa possibilidade, sua propensão agregada a emprégar os fatores de produção certamente será afetada. Essa situação de flutuações na demanda efetiva é caracterizada por dois aspectos importantes, os quais têm, por sua vez, implicações igualmente importantes para a posição clássica. Em primeiro lugar, as firmas como um todo não poderiam proteger-se do prejuízo através do expediente de produzir mais disso e menos daquilo, uma vez que essa atitude é apropriada somente quando a demanda efetiva varia em direção e não em montante, sendo mais vantajoso que reduzam o emprego agregado. Em segundo lugar, não poderiam proteger-se do referido prejuízo renegociando em termos mais favoráveis a remuneração dos fatores de produção. Os adeptos da teoria Clássica supõem que, caso os fatores de produção aceitassem um salário monetário suficientemente baixo, a queda correspondente no salário real estimularia a classe empresarial a aumentar a demanda de mão-de-obra. Contudo, a teoria clássica desconsidera em seu raciocínio algo elementar, qual seja, que a fonte de demanda para o produto deriva das remunerações pagas aos fatores de produção. Ademais, segundo Keynes, "an individual producer is not interested in the smallest degree in the level of real wages. He does not, in his business capacity, even enquire what it is. He is solely concerned with the projective selling price of his own product relatively to his variable costs" (ibidem, p. 98).

Na percepção de Keynes, o processo de cálculo que leva o empresário a decidir o volume de emprego é baseado no preço de venda prospectivo do produto e nos custos variáveis do produto para várias possíveis escalas de produção. Após ressalvar que o custo variável por unidade de produto não é o mesmo para todos os níveis de produção, mas sim é tanto maior quanto maior for o volume de produto, Keynes observou que os empresários expandirão a produção até o ponto em que o preço de venda prospectivo não mais exceda o custo variável marginal (ibidem, p.98). Em outras palavras, numa economia empresarial, onde as firmas oferecem um determinado volume de emprego com base em suas expectativas de maximização dos lucros esperados, o nível de produção será aquele onde cada firma iguala o preço de venda esperado com o custo variável marginal (CW XIII, p.422-3). Sendo determinado dessa maneira, não há porque supor que ele deva

coincidir necessariamente com o pleno emprego. Segundo Keynes:

If we look at the productive process in this way, we are, it seems to me, in the closest possible contact with the facts and methods of the business world as they actually exist (...) We are basing our conclusions about employment on the proper criterion, namely whether (...) the result of spending money on employment and of selling the output is expected to result in a larger net sum, of money at the end of the accounting period than if the money had been retained. Other criteria, such as the relation between the real output which a given employment will yield and the disutility or real cost of that employment, or the relation between the real wages of a given employment and the amount of its marginal product, are not appropriate to the actual nature of business decisions (...) (CW XXIX, p. 66).

5. NOTAS CONCLUSIVAS

A descoberta desses manuscritos e rascunhos inéditos da TG reacenderam o debate sobre a natureza monetária da economia do emprego de Keynes. Basiando-se essencialmente nos mesmos, o presente artigo procurou argumentar que sua não-inclusão, ao menos parcial, facilitou a neoclasseização de Keynes provida por diversas facções da ortodoxia. Em particular, sustentamos que a exposição do princípio da demanda efetiva contida na TG teria tido seu vigor analítico reforçado caso as características fundamentais das economias monetárias tivessem sido explicitamente incorporadas ao raciocínio lá desenvolvido. No entanto, parece plausível cogitar que Keynes, conhecedor não apenas das dificuldades envolvidas no abandono de antigas formas de pensamento e expressão, como diz a epígrafe, mas, inclusive, do terreno minado em que estava lançando suas sementes revolucionárias, tenha optado por abrandar seu assalto à ortodoxia clássica por uma razão essencialmente estratégica. Não enveredando pela dimensão exegética da controvérsia, é forçoso reconhecer, entretanto, que os pós-keynesianos, ao retomarem a análise de Keynes sobre a heterogeneidade estrutural das economias de mercado, estão, a despeito de pejorativamente rotulados de fundamentalistas, efetivamente contribuindo para recuperação do tempo perdido pela teoria econômica na explicação da dinâmica das economias capitalistas.

BIBLIOGRAFIA

- BATEMAN, B. and DAVIS, J. *Keynes and Philosophy*. England: Edward Elgar, 1991.
- CARABELLI, A. *On Keynes's Method*. London: Macmillan, 1991.
- CARVALHO, F.J.C. O Caminho da Revolução: *O Treatise on Money* na Revolução Keynesiana. In: Lopes, Carlos M. (org.) *Ensaios de Teoria Pós-Keynesiana*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1987a.
- , *Keynes on Probability an Uncertainty and Decision-Making*. In: Encontro NACIONAL de Economia, 15, Salvador, 1987. *Anais...*, v.1, 1987b.
- , *Keynes on Probability, Uncertainty, and Decision Making*. *Journal of Post Keynesian Economics*, v.11, n.1, 1988.
- , Fundamentos da Escola Pós-Keynesiana: A Teoria de uma Economia Monetária. In: Amadeo, E. J. (org.). *Ensaios Sobre Economia Política Moderna*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

- DAVIDSON, P. *Money and the Real World*. London: Macmillan, 1972.
- , The Dual - Faceted Nature of the Keynesian Revolution: Money and Money Wages in Unemployment and Production Flow Prices. *Journal of Post Keynesian Economics*, v.II, n.3, Spring, 1980.
- , The Simple Macroeconomics of a Nonergodic Monetary Economy Versus a Share Economy: is Weitzman's Macroeconomics too Simple? *Journal of Post Keynesian Economics*, v.IX, n.2, Winter, 1986-87.
- DILLARD, D. Effective Demand and the Monetary Theory of Employment. In: Barrère, Alain (ed.) *The Foundations of Keynesian Analysis*. London: Macmillan, 1988.
- FITZGIBBONS, A. *Keynes's Vision*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- HAHN, F. On the Foundations of Monetary Theory. In: Parkin, M. *Essays in Modern Economics*. London: Macmillan, 1973.
- . *Money and Inflation*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.
- KAHN, R. *The Making of Keynes's General Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- . The Cambridge "Circus" (1). In: Harcourt, G. *Keynes and his Contemporaries*. London: Macmillan, 1985.
- KENWAY, P. Marx, Keynes and the Possibility of Crisis. *Cambridge Journal of Economics*, v.4, n.1, mar. 1980.
- KEYNES, J. M. A Treatise on Money. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London: Macmillan, 1971. (Editado por D. Moggridge, v.V e VI).
- . The General Theory of Employment, Interest and Money. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London: Macmillan, 1973a. (Editado por D. Moggridge, v.VII).
- . A Treatise on Probability. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. Macmillan, 1973b. (Editado por D. Moggridge, v.VIII).
- . The General Theory and After: Preparation. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London: Macmillan, 1973C. (Editado por D. Moggridge, v.XIII).
- . The General Theory and After: Defence and Development. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London: Macmillan, 1973d. (Editado por D. Moggridge, v.XIV).
- . The General Theory and After: A Supplement. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London: Macmillan, 1979. (Editado por D. Moggridge, v.XXIX).
- KREGEL, J. A. The Post-Keynesian (Radical) Approach to Monetary Theory. *Conference at Socialist Economists Bulletin. Autumn and Summer*, 1974.
- LIMA, L. A. O. *Teoria de uma Economia Monetária: a Análise de Keynes*. IE/UNICAMP (mimeo), 1986. Tese (dout., econ.), UNICAMP.
- LUNGHIINI, G. Capitalist Equilibrium: From Soho to Bloomsbury. In: Vicarelli, F. (ed.). *Keynes's Relevance Today*. London: Macmillan, 1985.
- MINI, P. *Keynes, Bloomsbury and The General Theory*. London: Macmillan, 1991.
- MORISHIMA, M. *Ricardo's Economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- O'DONNELL, R. *Keynes's Philosophy, Economics and Politics*, 1989.
- PIGOU, A. C. *The Veil of Money*. London: Macmillan, 1949.
- ROGERS, C. *Money, Interest and Capital*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ROTHEIM, R. Keynes's Monetary Theory of Value. *Journal of Post Keynesian Economics*. v.3, n.4, 1981.
- RYMES, T. *Keynes's Lectures, 1932-35*. London: Macmillan, 1989.
- SARDONI, C. Marx and Keynes on Effective Demand and Unemployment. *History of Political Economy*, v.18, n.3, 1986.
- SCHUMPETER, J. A. *History of Economic Analysis*. London: Allen and Unwin, 1954.
- TARSHIS, L. Keynes's Co-operative Economy and his Aggregate Supply Function. In: Pheby, J. (ed.). *New Directions in Post-Keynesians Economics*. England: Edward Elgar, 1989.

- TORR, C. S. W. The Distinction Between an Entrepreneur Economy and a Co-Operative Economy. *South African Journal of Economics*, v.48, n.4, 1980.
- TUCHSCHERER, T. Keynes's Model and the Keynesians: a Synthesis. *Journal of Post Keynesian Economics*, v.1, n.4, 1979.
- WINSLOW, E. G. Keynes and Freud: Psychoanalysis and Keynes's Account of the "Animal Spirits" of Capitalism. *Social Research*, v.53, n.4, 1986.

ABSTRACT

TAXONOMY OF MARKET ECONOMIES AND THE MONETARY DETERMINATION OF THE EFFECTIVE DEMAND

This paper analyses the concept of monetary economies developed by Keynes, using some of his less known manuscripts and articles. It is argued that the exclusion of the taxonomy of market economies in *The General Theory* helped the neoclassical re-interpretation of Keynes' theory of employment. If such taxonomy was included, the principle of effective demand would have a more clear monetary dimension. The article analyses the logic connections between money, real time, expectations and uncertainty and also presents Keynes' taxonomy of market economies. It also deals with the dynamic fluctuation of the effective demand in a monetary economy.